

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Em defesa da pluralidade e da multicausalidade [In defense of plurality and multi-causality]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Flávio Pierucci, Antonio
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-25 10:15:35
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/163295">http://hdl.handle.net/20.500.12424/163295</a>

1919 - Convocado como conselheiro para a delegação alemã na conferência do contrato de Versailhes. Pronuncia conferências em Munique, que serão publicadas sob o título de *História Econômica Geral*.

14 de Junho de 1920 - Max Weber faleceu em Munique, em conseqüência de uma pneumonia aguda.

## EM DEFESA DA PLURALIDADE E DA MULTICAUSALIDADE

### Entrevista com Antônio Flávio Pierucci

Antônio Flávio de Oliveira Pierucci é um dos entrevistados da edição que celebra os 100 anos de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de Max Weber. Pierucci é professor na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas do Departamento de Sociologia da USP, em São Paulo. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), é mestre em Ciências Sociais pela PUCSP, e sua dissertação teve o título **Igreja Católica e Reprodução Humana no Brasil**. O professor também é doutor em Sociologia pela USP, tendo sua tese o título **Democracia, Igreja e voto: o envolvimento do clero católico na eleição de 1982**, e livre docente pela USP, com a tese **Desencantamento do mundo: os passos do conceito em Max Weber**. Esse trabalho transformou-se no livro **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003. O professor também é autor de, entre outros, **Igreja: contradições e acomodação**. São Paulo: Brasiliense / Cebrap, 1978; e **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999. Publicamos a seguir trechos da entrevista concedida por ele ao **IHU On-Line**, por telefone, na última semana.

Uma nova tradução do livro **A ética protestante e o “espírito”<sup>(1)</sup> do capitalismo** de Max Weber acaba de ser publicada pela Companhia das Letras (Weber, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004). A edição recupera a versão original do ensaio e a apresenta em conjunto com o texto de 1920, revisto e ampliado pelo próprio Max Weber.

<sup>1</sup> “Quando, há cem anos, apareceu pela primeira vez nas páginas da revista *Archiv für Sozialwissenschaft* (1904) o germinal ensaio de Max Weber sobre a ética ascética do protestantismo puritano como berço da cultura ocidental moderna, seu título trazia entre aspas – aspas de cautela e ao mesmo tempo de ênfase – a palavra “espírito”. Exatamente como na atual edição. Com essa marcação diacrítica o autor salientava de imediato aos olhos do leitor o que é que, afinal de contas, pretendia identificar, ao lado da ética religiosa ali no título, como seu “novo” objeto de análise na busca sociológica de uma relação causal histórica. E esse novo objeto *não era* o capitalismo como sistema econômico ou modo de produção. Era, *sim*, o capitalismo enquanto “espírito”, isto é, cultura – a cultura capitalista moderna, como tantas vezes ele irá dizer -, o capitalismo vivenciado pelas pessoas na condução metódica da vida de todo o dia. Noutras palavras, o “espírito” do capitalismo como conduta de vida: *Lebensführung*. Para começo de conversa: o mínimo que esperamos desta nova edição em português é deixar assentado de uma vez por todas que Weber nos legou não somente duas edições d’**A ética protestante**, mas duas *versões*. A primeira, publicada em duas levadas, em 1904 e 1905, e a outra, revista em ampliada, editada em 1920. Por isso é que aqui, com tradução mais atenta a uma correspondência vocabular mínima entre os termos-chave empregados nos dois idiomas e nas duas áreas de conhecimento mais diretamente mobilizadas no ensaio weberiano (a saber, a nascente sociologia alemã e a velha teologia protestante), a palavra “espírito” recupera as aspas que o próprio Weber havia cortado para a segunda edição.” A nota transcreve o trecho inicial da apresentação, assinada por Antônio Flávio Pierucci, da edição d’**A ética protestante e o “espírito” do capitalismo** comemorativa ao centenário da primeira publicação (Nota do **IHU On-Line**).

***IHU On-Line* – “A ética protestante e o espírito do capitalismo” mantém-se atual?**

**Antônio Flávio Pierucci** – Sim, na medida em que é uma obra que se colocou como desafio interpretar a arrancada do processo de modernização ocidental, e nós ainda estamos vivendo em pleno processo de modernização, se não mais nos países centrais, no Terceiro Mundo, nos países asiáticos, na América Latina. No Brasil, estamos vendo isso acontecer nos rincões que a gente jamais imaginava tão rapidamente modernizados. Então a obra é muito atual, nesse sentido. Por que? Porque mostra também que no processo de modernização, que é um processo de racionalização, não basta levar em conta os fatores puramente econômicos, ou como diríamos um tempo atrás, os fatores puramente materiais, mostra que os fatores culturais pesam muito. E entre esses fatores culturais tem um peso, cada vez mais pronunciado, o fator religioso.

***IHU On-Line* - Na apresentação do livro o senhor diz que se oportuniza uma reflexão sobre a obra à luz do pós-modernismo. Em que sentido?**

**Antônio Flávio Pierucci** - Me refiro a uma coisa tipicamente pós-moderna, que é o fato de, agora também nas ciências humanas, começarmos a dar importância para o texto. A feitura do texto, a confecção do texto, agora, também passar a ser objeto de atenção. E eu digo isto porque na nova edição nós procuramos mostrar que o texto tem uma história, em si mesmo. Temos um texto em dois momentos: a primeira forma, de 1904 e 1905, que é uma primeira versão, que não foi editada em forma de livro, mas como artigos de uma revista importante, a ***Archiv für Sozialwissenschaft***. Depois, quinze anos passados, com o Weber já munido de um outro aparato conceitual, que ele próprio foi desenvolvendo, revendo a primeira versão, acrescentando muitas coisas. Não apenas informações novas, acrescentando conceituações novas. Entre as quais eu faço sobressair não ali, [na apresentação de “A ética...”] mas no livro que eu escrevi no final do ano passado, a noção de “desencantamento do mundo” [ver a introdução desta entrevista]. Que é uma noção tão central no pensamento do Weber e que, até então, nós pensávamos que já havia nascido prontinha, assim como se imaginava o mesmo de “A ética...”. Muitos daqueles conceitos foram surgindo na elaboração da sua sociologia no decorrer desses quinze anos. Em 1920, retoma e recheia, digamos assim, aquela primeira versão com novos conceitos, o que nos dá uma sensação de estarmos lendo dois livros ao mesmo tempo. Então, é neste sentido que eu falo do pós-moderno, no sentido de que agora não só o conteúdo do texto é importante, mas a escrita em si mesma, a maneira como o texto nasceu, com as suas correções, com as suas hesitações conceituais, com a troca de palavras, o ajustamento de certas expressões, de certos conceitos. Isto faz com que agora o texto, mesmo, seja alvo de interesse do estudioso, não apenas o que está sendo dito no texto. O texto em si mesmo, na sua materialidade, digamos assim, passa a ser objeto de atenção<sup>2</sup>.

***IHU On-Line* – A segunda versão apenas reforça a primeira? Não há mudanças na estrutura do conteúdo?**

**Antônio Flávio Pierucci** – Não. Na edição de 1920 há uma nota de rodapé, que destacamos, onde ele diz que não alterou nada de substantivo, nada de essencial, e até sugere aos seus críticos e objetores que cotejem os textos. Weber não mudou a sua interpretação básica do que é a relação entre uma ética religiosa que, no caso, é a ética de um tipo de protestantismo, que ele chama de protestantismo ascético, o puritano, que vai gerar um tipo de comportamento na

<sup>2</sup> Cf. também GAUCHET, Marcel, **Le Désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion**, Paris: Gallimard, 1985 e GAUCHET, Marcel, **La condition historique**. Entretiens avec François Azouvi et Sylvain Piron, Paris: Stock, 2003 (Nota do *IHU On-Line*).

sociedade capitalista, na atividade econômica. Ou seja: há uma relação de causalidade no nível da cultura. A ética protestante gera um *ethos* profissional. Não gera o capitalismo, gera uma “embocadura” profissional, uma forma de encarar a vida, uma maneira de encarar a atividade econômica inteiramente nova, inteiramente racional. Isto não muda, da primeira para a segunda versão. Mas ele acrescenta coisas muito importantes, como o conceito de “desencantamento”, que é central no seu pensamento.

***IHU On-Line* – O capitalismo contemporâneo ainda precisa do *ethos* profissional desenvolvido pela ética protestante?**

**Antônio Flávio Pierucci** – Weber é muito claro com relação a isto. O capitalismo não precisa mais de uma ética especificamente religiosa, mas precisa de um *ethos* racional. A partir do momento em que o capitalismo se afirma sobre os seus próprios pés, já no final do século 19, quando o capitalismo entra na sua fase de indústria pesada, que é a indústria da siderurgia, da metalurgia, da produção de máquinas, equipamentos, e não mais apenas a produção de bens de consumo, aí já temos a lógica de um capitalismo autonomizado em relação a uma ética religiosa. Ele precisa de agentes racionais dispostos ao trabalho. Hoje nós estamos vendo que as empresas estão selecionando as pessoas com hábitos de maior escolaridade, com maior flexibilidade na sua capacidade de aprender e de se reciclar. As pessoas, para serem ajustadas ao capitalismo, precisam, de alguma forma, ser educadas racionalmente. Nesse sentido, a contribuição da obra de Weber é perfeita, é extremamente atual. Sobretudo nos postos de direção, o capitalismo exige ainda hoje das pessoas uma dedicação ao trabalho extraordinária, como se a realização humana se reduzisse à realização profissional. Então as pessoas, os famosos *workaholics*, executivos, gerentes, subgerentes, toda essa parcela de trabalhadores precisa de uma dedicação ao trabalho que é praticamente puritana. O capitalismo exige uma dedicação e uma capacidade de autodomínio, autocontrole, de repressão dos instintos de preguiça, de ócio, de prazeres, de vícios... Nós temos, no Brasil, uma camada de trabalhadores qualificados que faz isso com uma dedicação que parece religiosa. Então, a ênfase que o Weber dá, estudando o protestantismo ascético, vem com essa mensagem de que é preciso ascese, de que as pessoas devem levantar cedo e começar a trabalhar e trabalhar até tarde e se dedicar se possível, também na horas vagas ao trabalho. Tudo isso é muito importante para - embora Weber não use essa expressão – “subir na vida”.

***IHU On-Line* – O que perdura é a idéia de “subir na vida”?**

**Antônio Flávio Pierucci** - Isto perdura. Não perdura mais para a maioria, porque o capitalismo não consegue dar emprego, mais, para as pessoas. Entre os empregados existem aqueles que são facilmente substituíveis, e aqueles que são de mais difícil substituição. Desses, o capitalismo exige o máximo de dedicação. É uma dedicação sem Deus, é uma dedicação de si mesmo, a um fundamento puramente racional que, examinado a fundo, tem um forte componente irracional. Se perguntarmos para as pessoas porque elas trabalham tanto, elas não conseguem dizer mais que é porque Deus quer assim, que é uma missão divina, que é uma vontade de Deus. Vão tentar dizer que é importante ser assim, porque é assim que eles se realizam, que é assim que eles garantem o futuro dos filhos, que eles garantem o futuro da pátria, usando esses argumentos para tentar explicar uma atitude anti-humana, praticamente.

***IHU On-Line* - Esta organização racional do trabalho propiciada pelo protestantismo, se contrapôs, segundo Weber, a um capitalismo pária, representado pela forma judaica de negociar. Mas o capitalismo contemporâneo não assumiu as formas de um capitalismo pária?**

**Antônio Flávio Pierucci** – O capitalismo pária referido por Weber era um capitalismo de pessoas que não criavam raízes. O capitalismo judaico foi sobretudo um capitalismo de empréstimo de dinheiro. A diáspora judaica desenraizou os judeus, os espalhou pelas diferentes nações, onde atuavam em profissões não ligadas à produção, ligadas às transações financeiras. E com isso eles se educavam muito, eram muito dedicados às artes, à produção intelectual, à ciência, onde se destacaram bastante. Nesse contexto, Weber está dizendo: o capitalismo produtivo exige uma racionalização cotidiana e incansável, porque o capitalismo financeiro não precisa desse tipo de dedicação, ou não precisa desse tipo de solidez. Por isso que ele o chama de capitalismo pária, porque é um capitalismo ádvena<sup>3</sup>, um capitalismo que é importante, mas não se aclimata.

**IHU On-Line** – Então poderíamos dizer que estamos a lidar com dois tipos de capitalismo: um que ainda busca essa modernização típica ocidental, e que se espalha pelo Brasil, e um capitalismo financeiro predatório?

**Antônio Flávio Pierucci** – Sim, o capitalismo financeiro é um capitalismo que, na realidade, não cria nenhum capitalismo auto-sustentável. Ele não produz no Brasil um capitalismo autônomo, autóctone. Há uma mudança de qualidade do tipo de capitalismo, que não leva mais aquilo a um processo de modernização produtiva.

**IHU On-Line** – Uma das dificuldades da expansão do capitalismo, na análise do Weber, foi o tradicionalismo, a idéia de que bastava ganhar o suficiente para satisfazer as necessidades básicas, o desapego ao lucro. Se o capitalismo clássico, que ainda se expande pelo Brasil, não recorre mais ao apelo de uma produção abençoada por Deus, e precisa qualificar seus empregados, como ele os está educando?

**Antônio Flávio Pierucci** - O capitalismo precisa de apenas uma parcela da população que se dedique a ele. O capitalismo não abarca a totalidade das pessoas, hoje uma grande parte da população é inteiramente supérflua, inteiramente descartável. O capitalismo, hoje, não tem mais condições de oferecer pleno emprego. O capitalismo é, hoje, altamente seletivo. Aqueles que sentirem o apelo que o Weber diria, divino, de uma predestinação a serem prósperos numa sociedade como esta, estes são predestinados a se darem bem num sistema como este. Isto é: não está dito que a maioria vai se salvar; salvar-se-á uma minoria. Essa minoria, ninguém sabe quem são. Mas eles, os escolhidos, saberão; constroem, para si, a sua própria predestinação. Isso é cruel, mas é uma coisa que existe, é possível pensar um Deus assim, Calvino pensou. Não pensou Deus como “Pai de todos”. Então, isso é tremendamente perverso. Nós vivemos, realmente, num momento da história absolutamente execrável, no sentido de que você vê as pessoas, os jovens criando expectativas que não serão concretizadas para todos, nem mesmo para a maioria deles.

**IHU On-Line** - O senhor disse que os elementos religiosos, a cultura religiosa continua sendo importante para a expansão capitalista. O senhor está se referindo ao pragmatismo das vertentes evangélicas, por exemplo?

**Antônio Flávio Pierucci** – No que se refere ao pragmatismo, o protestantismo dos séculos 16 e 17, tirando o luteranismo, a corrente luterana, o protestantismo que Weber chama de ascético era extremamente pragmático. Era uma religião de homens de negócios, de homens práticos, que faziam da sua atividade econômica o lugar, por excelência, do seu encontro com Deus. Isso é pragmático. Essa é outra coisa que aprendemos relendo a “A ética...”: a religião não

---

<sup>3</sup> Quem vem de fora; estranho, alienígena. (Nota do *IHU On-Line*).

precisa ser mística, não precisa ser não prática, pelo contrário, ela pode ensinar as pessoas a organizarem de uma maneira mais prática as suas vidas, a terem um espírito prático, a saberem que, fazendo isso, elas estarão contribuindo para a glória de Deus. Se você coloca a glória de Deus como o seu objetivo, e o que você faz é cuidar do seu dia a dia, de garantir o seu bolso e a sua prosperidade, isto é protestantismo do mais legítimo. Não é o protestantismo de Lutero, que é o protestantismo do amor, da salvação universal, do arrependimento dos pecados...

***IHU On-Line - Pode-se dizer que, de maneira geral as manifestações evangélicas correspondem modernamente a esse espírito?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Não. Weber, quando fala “ética protestante”, na verdade desconstrói a idéia de que o protestantismo é um bloco único, igual. Há protestantismos das mais diferentes espécies. Há um protestantismo extremamente místico, há ênfase no êxtase e na experiência imediata do gozo, da graça no Espírito Santo, ela pode ter efeitos práticos e pode ter efeitos alienantes. Weber vai falar de “desencantamento” mostrando que o protestantismo é um fator importante de desmagificação da prática religiosa. Nós estamos vendo que algumas vertentes desse nosso protestantismo, sobre tudo das correntes criadas aqui no Brasil, autóctones, tipo Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Renascer, elas têm fortes componentes de magia, têm um apego aos objetos sagrados, a determinados gestos sagrados como se eles tivessem força salvífica. Na teoria calvinista, isto vai ser jogado no lixo como sendo idolatria, como sendo divinização das criaturas. Não dá para dizer que o protestantismo que cresce no Brasil é o protestantismo ascético do século 17. Há muito pouco de ascetismo, em algumas coisas. Agora, eu acho o seguinte: eu acho que os pastores protestantes destas igrejas no Brasil trabalham muito, trabalham mais do que muitos padres e do que muitos pastores mais tradicionais. As igrejas deles ficam abertas 24 horas por dia. Há uma idéia de trabalho pastoral – eu não sei se eles chamam assim – nessas correntes evangélicas, que é absolutamente incansável.

***IHU On-Line - O senhor diria que a Igreja Católica não está conseguindo proporcionar uma certa “eticização”, como a oferecida pelo protestantismo a uma sociedade que se desenvolvia?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Um dos problemas da Igreja Católica é ser uma igreja clerical. É uma Igreja que tem uma hierarquia e que depende muito, do ritmo dessa hierarquia. Do meu ponto de vista, não mais falando em termos weberianos, eu acho esse ritmo da hierarquia paquidérmico. A hierarquia católica, no Brasil, é muito lenta, nas suas decisões. As igrejas evangélicas são muitos mais ágeis, têm uma estrutura que você pode não concordar com ela, há uma desintelectualização dos pastores protestantes, dessas igrejas neopentecostais, bastante acentuada. Você sabe qual é o estado de maior taxa de evangélicos no Brasil? É Rondônia. No censo 2000, já tinha 27% de evangélicos. Ou seja: também os protestantes crescem no Brasil porque a Igreja Católica não consegue preencher as necessidades espirituais da população. Não tem padres, o que vai fazer?

***IHU On-Line - Esta acentuada presença dos evangélicos nessa região, à parte seu lado mágico, místico, é um braço de desenvolvimento capitalista?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Não tenha dúvida, é um braço de desmatamento, é um braço de desenvolvimento do capitalismo em todos os sentidos mais perversos, de instalação de grandes propriedades, de corrupção, no sentido capitalista, das lideranças indígenas, eu não tenho

dúvidas quanto a isso. É muito intrigante que os estados mais protestantes do Brasil sejam estados da Amazônia. A taxa de protestantes em Roraima também é próxima dos 27%.

***IHU On-Line – A análise de Weber, em “A ética protestante”, alcança a sociedade pós-industrial?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Isso é uma etapa do capitalismo que a ética protestante de Weber não atinge, não alcança. O Weber não tinha idéia de que o capitalismo chegaria nisso que nós chamamos de capitalismo pós-industrial, de uma sociedade que nos anos 1970 começamos a chamar de sociedade de consumo, que pede que as pessoas se divirtam, que as pessoas saiam de casa, que as pessoas dediquem as suas horas a consumir, se divertir em grupos, dançar....consumir muito, ir a bares, tudo isso é ócio, é sociedade de consumo, isso não é ética protestante, não é mesmo. Isso é uma tendência contrária àquilo que o Weber imaginava, não é ascético, não é ascese. Aquilo que o Weber dizia ainda se aplicava, eu dizia, a uma parcela da população, os eleitos, como eu disse antes, parafraseando o Weber. Estas pessoas, que não se dedicam ao trabalho, elas não estão entre os ascetas, são pessoas voltadas para o prazer, o gozo, inclusive do próprio corpo, se submeterem ao desejo, e não mais cuidar dos seus interesses e dos seus valores. Isso o Max Weber não alcançou, e “A Ética...” tem muito pouco a dizer.

***IHU On-Line – “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, pode ser considerada um marco histórico na refutação empírica do materialismo histórico, considerando o estudo que ele faz a partir das religiões e das suas decorrências culturais na evolução do capitalismo?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Weber não tinha pretensão de refutar o materialismo histórico, tem um momento que ele vai dizer: eu não estou querendo substituir uma visão unilateral, uma visão materialista, por uma outra visão unilateral dando ênfase ao “espírito”, aos fatores culturais, aos fatores ideais, de idéias... Ele fala: na realidade só se pode entender os fenômenos históricos se nós tivermos a capacidade de olhar as diferentes formas de causalidade, os diferentes fatores que entram na explicação. Weber era contra a monocausalidade, contra o monismo explicativo. Ele achava que a história é muito mais rica e que, para explicarmos um fenômeno histórico, uma situação histórica, um conjunto de fenômenos históricos, precisamos levar em conta os vários fatores. Sejam eles os fatores materiais, no sentido de puramente econômicos, sejam eles os fatores culturais, como no caso da ética protestante ou, como ele vai lembrar em muitas notinhas de rodapé de “A Ética...”, fatores políticos, aos quais o materialismo histórico dava muito pouca ênfase, como sendo tão importantes no seu influxo causal quanto os fatores econômicos. Ele não refuta o materialismo histórico simplesmente invertendo-o, como Marx teria feito com Hegel. Ele simplesmente diz: olha, não dá para ser mono, tem que ser pluri, tem que ser multicausal para podermos entender a vida humana na sua complexidade.

***IHU On-Line - O senhor diria que para o governo brasileiro atual está faltando um pouco de leitura de Weber?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Eu acho que para o governo atual está faltando leitura, não é que esteja faltando leitura de Weber. As pessoas têm que ler, estudar. O “núcleo duro” do governo não é de pessoas estudiosas, nós estamos sentindo que isso faz falta.